SOBRE A EVOLUÇÃO LINGÜÍSTICA

Gabriel de Ávila Othero[1]
gabnh@terra.com.br

"... o tempo altera todas as coisas;
não existe razão para que a língua
escape a essa lei universal."
Ferdinand de Saussure

1. INTRODUÇÃO

Hoje em dia, uma verdade indiscutível na ciência lingüística é a de que todas as línguas mudam com o passar do tempo. Elas vão evoluindo, adaptando-se aos usos inovadores da comunidade falante, ao longo do tempo. Apesar do que a tradição de ensino gramatical e a escola às vezes supõem, a língua não pode ser entendida como uma entidade imutável e estanque. Ela é, ao contrário, dinâmica e passível de mudanças. Neste artigo, será feita uma comparação ilustrativa das evoluções das espécies de seres vivos com a própria evolução lingüística. De maneira didática e ilustrativa, alguns pontos em comum entre a evolução dos seres vivos e das línguas serão levados em

[1] Mestrando em Lingüística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS; bolsista CNPq.

consideração, para que fique claro que as línguas, assim como as espécies, inevitável e naturalmente evoluem e se modificam.

2. AS TEORIAS EVOLUTIVAS DE DARWIN

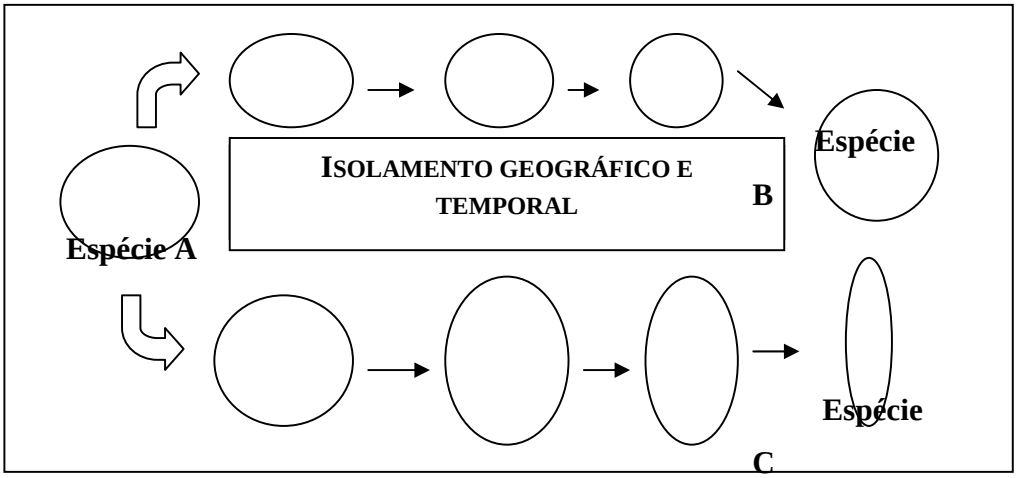
Em 1859, Charles Darwin lançou seu mais célebre livro, intitulado *Origem das espécies*, em que explicava e fundamentava sua teoria sobre a seleção natural e sobre o processo de evolução dos seres vivos. Basicamente, Darwin desejava mostrar que, na natureza, os seres mais bem adaptados têm melhores condições de sobrevivência, podendo, então, transmitir seus genes vencedores às gerações seguintes, perpetuando, dessa forma, sua espécie. Assim, as espécies de seres vivos vão se adaptando cada vez mais ao meio em que vivem, de forma que um ser bem adaptado estará em harmonia com o seu meio.

Para explicar o enorme comprimento do pescoço das girafas, por exemplo, um darwinista diria que, como esses animais se alimentam das folhas mais altas das copas da árvores, no momento em que duas girafas nascerem, uma com um pescoço de tamanho regular e outra com o pescoço mais comprido, a segunda, com certeza terá melhores chances de se alimentar, crescerá mais forte e, conseqüentemente, encontrará com mais facilidade uma parceira para o acasalamento do que aquela girafa com o pescoço mais curto. Desse modo, a transmissão de suas características genéticas para as futuras gerações estará garantida.

Assim, de gerações em gerações, as espécies vão se modificando, adaptando-se cada vez mais e melhor ao meio em que vivem. Essas transformações acontecem, porém, em um ritmo lento e gradual.

Com a teoria de Darwin, ficou mais clara, também, a explicação para a diversidade das espécies. Se duas populações de uma mesma espécie são isoladas geograficamente, em dois locais diferentes, é natural que elas tomem rumos diferentes durante seu processo evolutivo, uma vez que, em cada espécie, apenas aqueles indivíduos mais bem adaptados ao meio irão transmitir seus genes à sua prole. Assim, cada população adaptar-se-á de maneira diferente, sempre privilegiando os indivíduos que estiverem em mais maior harmonia com o meio que os cerca. Elas evoluirão de forma que as modificações mais bem sucedidas serão aquelas que tornem os indivíduos mais aptos, ágeis e adaptados ao meio circundante. Após alguns milhares de anos de isolamento geográfico, será bem provável que não haja mais apenas uma única espécie, mas sim duas ou mais espécies oriundas de uma única anterior, como é demonstrado pelo gráfico seguinte:

Gráfico 1: Teoria da evolução das espécies



3. AS TEORIAS DE LAMARCK

Apesar das lógicas e geniais explicações de Charles Darwin, o meio científico nem sempre deu credibilidade às suas idéias. Na realidade, Darwin foi menosprezado e humilhado por muitos cientistas, estudiosos e pesquisadores do século XIX, que não acreditavam em suas teorias, por diversos motivos, filosóficos, religiosos ou científicos.

Antigamente, acreditava-se, principalmente, que as características transmitidas aos seus descendentes fossem **adquiridas** pelos seres. Assim, por exemplo, acreditava-se que a explicação para o comprimento do pescoço das giravas era a de que, como elas tinham de alcançar o topo das árvores para conseguir o seu alimento, exercitavam e desenvolviam a musculatura do pescoço, deixando-o mais forte e mais comprido. Essa característica **adquirida** durante seu ciclo de vida era então passada aos seus descendentes, que nasceriam com pescoços cada vez maiores e mais fortes, de acordo com as características que seus progenitores adquiriram em vida. Ora, se isso fosse verdade, seria também correto afirmar que, se uma família resolvesse cortar a orelha direita por, supostamente, cinco gerações, os futuros descendentes poderiam nascer sem a orelha direita, já que teriam herdado essa característica adquirida por seus antecessores!

Apesar de um tanto absurda nos dias de hoje, essa teoria foi tida como verdade científica por vários anos. Seu principal defensor foi o biólogo Lamarck, e essa teoria é chamada de *lamarckismo* ou de *lei do uso e desuso*, pois "a modificação experimentada pelo indivíduo, desde que útil, seria

transmitida aos seus descendentes, havendo, então, transmissão de características adquiridas" (Lopes & Lopes, 1993). Ou seja, se determinados indivíduos de uma espécie passassem a usar e desenvolver mais um órgão do corpo (como o pescoço da girafas), esse órgão seria valorizado em seus descendentes. Por outro lado, se certa parte do corpo parecesse não ter utilidade para o indivíduo (como o dedo mínimo do pé de um ser humano, por exemplo), seus descendentes provavelmente perderiam essa parte que não é usada nem desenvolvida. Assim, de acordo com as idéias de Lamarck, aquilo que efetivamente é usado e desenvolvido terá mais chances de ser passado às gerações seguintes, ao mesmo tempo que o que não é usado cai em desuso, sendo possivelmente eliminado nas futuras gerações.

Talvez as idéias de Lamarck não sejam válidas para o estudo da evolução dos seres vivos, porém, o mesmo não pode ser dito da aplicação de suas idéias a respeito do estudo do desenvolvimento das línguas, como será visto adiante.

4. A EVOLUÇÃO LINGÜÍSTICA

Assim como as espécies de seres vivos, a língua também, de certo modo, pode ser considerada uma entidade *viva*. E, sendo viva, ela também se modifica, sofre mudanças e adaptações. Também ela, como os seres vivos, tem passado por processos evolutivos desde os primórdios da comunicação humana. Como afirma Possenti (1996), "não há língua que permaneça uniforme. *Todas as línguas mudam*. Esta é uma das poucas verdades indiscutíveis em relação às línguas, sobre a qual não pode haver nenhuma dúvida" (grifos do autor).

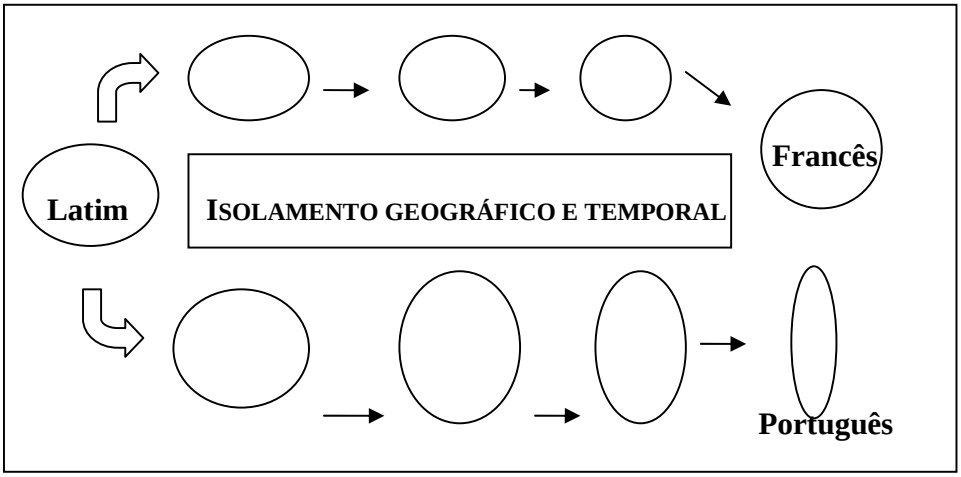
Essas mudanças das línguas são, antes de tudo, adaptações aos novos usos a que seus usuários (a comunidade falante) as submetem. Como muito

bem lembra Fernando Pessoa (1999), conhecedor da palavra e da alma portuguesa, "a linguagem fez-se para que nos sirvamos dela, não para que a sirvamos a ela." A linguagem se modifica, como as espécies, sempre adaptando-se diferentemente de acordo com a necessidade do meio e dos falantes. E, no campo dos estudos lingüísticos, ambas as teorias sobre a evolução das espécies – a de Darwin e a de Lamarck – podem ajudar a explicar a evolução e a diversidade lingüística.

Uma língua poderá sofrer modificações pelos falantes a fim de que possa ser útil ao ponto de um falante nativo conseguir se comunicar e expressar o que bem entender através dela. Afinal, entre outras coisas, é para isso mesmo que ela serve: comunicação, exteriorização de idéias, de desejos, de pensamentos e de sentimentos. Se a língua não for capaz de cumprir seu papel, provavelmente ela sofrerá modificações: novas formas sintáticas serão criadas, ou antigas serão modificadas; haverá criações de neologismos e formação de palavras inéditas, empréstimos lingüísticos etc. Dessa forma, o idioma estará se adaptando o melhor possível à sua comunidade lingüística e, principalmente, estará atendendo às exigências de seus falantes.

Por isso, as línguas receberam e receberão diferentes tratamentos em diferentes lugares, sofrendo modificações distintas. As línguas variam e se transformam; elas variam no espaço e se transformam ao longo do tempo. Assim como as espécies de seres vivos, se dois grupos de falantes de uma língua forem separados geograficamente, a língua será modificada de tal forma que, após se passarem muitos anos, poderão ser formadas duas novas línguas. Isso aconteceu, por exemplo, com o latim falado na região onde agora é a França (que, obviamente, deu origem ao francês) e com o latim falado na Península Ibérica (que originou o espanhol e o português). Veja um exemplo de evolução lingüística com o mesmo gráfico usado para ilustrar as teorias de Darwin:

Gráfico 2: Evolução das línguas



Apesar de as mudanças nas línguas acontecerem mais rapidamente do que as mudanças nas espécies, elas também ocorrem, de certa forma, lenta e gradualmente. Hoje em dia, por exemplo, pode-se perceber mudanças lingüísticas acontecendo com a língua portuguesa, em dois diferente meios lingüísticos, como em Portugal e no Brasil. Em cada lugar, estão acontecendo evoluções lingüísticas diferentes, que estão fazendo com que a língua portuguesa do Brasil e a língua portuguesa de Portugal se diferenciem. Cada uma está ficando mais bem adaptada ao seu ambiente, à sua cultura e aos seus falantes. Dentro de algumas centenas de anos, provavelmente haverá duas línguas distintas: uma língua em Portugal e outra no Brasil. Nada mais *natural*, no sentido exato da palavra.

As mudanças nas línguas, como bem descreve a teoria de Lamarck – a *lei do uso e desuso* –, aproveitam apenas aquilo que é efetivamente usado e útil. Aquilo que realmente sirva para o falante. O que não é usado e não é exercitado (como dedo mindinho do pé , ou o pronome pessoal de segunda pessoa do

plural *vós*, por exemplo) dificilmente passará às gerações futuras. Foi visto que isso não acontece no processo evolutivo das espécies, mas, como se vê, aqui essa teoria pode muito bem servir para uma comparação com os fenômenos lingüísticos. Dessa forma, certas palavras e formas na língua podem entrar em desuso, tornar-se arcaicas e obsoletas e não chegarem ao conhecimento de futuros falantes. Isso não é preocupante; é, ao contrário, natural que aconteça durante a evolução e adaptação de uma língua.

Da mesma maneira, uma forma lingüística pode ser consagrada pelo uso (assim como supostamente o pescoço da girava, ou como a forma para pronome pessoal de primeira pessoa do plural *a gente*). Se bastante utilizadas e "reforçadas" através do uso, a tendência é que essas novas formas se incorporem à língua, deixando-a mais rica e mais adaptada para melhor atender seus usuários. Isso não torna uma língua inculta ou corrompida, como a escola por vezes pode fazer crer. Isso faz parte da história natural, como bem explicam Darwin e Lamarck. Afinal, se não fosse a evolução lingüística, a civilização ocidental estaria falando latim, grego, ou quem sabe, indo-europeu!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BACK, Sebald, HECKLER, Evaldo. *Curso de lingüística 1*. São Leopoldo: UNISINOS, 1988.

2. BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

3. DESMOND, Adrian; MOORE, James. *Darwin: a vida de um evolucionista atormentado*. São Paulo: Geração Editorial, 1995.

4. HECKLER, Evaldo. *Língua e fala*. São Leopoldo: UNISINOS, 1986.

5. LOPES, Sônia G. B. Carvalho; LOPES, Plínio Carvalho. *Curso completo de biologia*. São Paulo: Saraiva, 1993.

6. OTHERO, Gabriel de Ávila. *A língua portuguesa nas salas de b@te-p@po: uma visão lingüística de nosso idioma na era digital*. Novo Hamburgo: Editora do autor: 2002.

7. _____. *Introdução ao estudo da história da língua portuguesa*. Pará de Minas: Virtualbooks, 2003.

8. PESSOA, Fernando. *A língua portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

9. PEZZINI, Anete Amorim, SILVA, Pedro Pinto. *Língua portuguesa: anotações sobre morfologia e sintaxe*. São Leopoldo: UNISINOS, 1998.

10. POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

11. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1997.

12. WALTER, Henriette. *A aventura das línguas no ocidente*. São Paulo: Mandarim, 1997.